

O cérebro, a face e as emoções

António Pedro Dores

88

Recebido: 17.11.2014

Aceito: 20.06.2015

Resumo: Constatada a ausência prática de referências sociológicas ao estudo da face, podemos perguntar porque e como assim sucede. Tanto como a profissão, a face é uma forma de apresentação social. Porque não merecem ambas a mesma atenção das teorias sociais? Qual será a fonte cultural e ideológica do alheamento (estigmatização?) do estudo da face? Este texto inspira-se nas críticas a Descartes, como as divulgadas por António Damásio, para explorar os limites e saídas epistémicas para a cegueira encontrada. Corpos e mentes não são fenómenos exógenos entre si. E é preciso não perder isso de vista, por exemplo, nas relações que (não) se estabelecem entre a biologia e a teoria social. Procuram-se saídas em propostas conhecidas, de Giddens, Bourdieu ou Tarde. Concebendo a face como forma física mais expressiva do encontro de processos ondulatórios de incorporação e corporização: sociais e biológicos e em sentido inverso. **Palavras-chave:** face, emoções, teoria social, tabu

Entrar numa prisão é repulsivo e constrangedor. Visitadoras e visitantes, educadoras e educadores, preparam-se para ultrapassar tais emoções como um custo a pagar por prazeres maiores: os de assistir à emergência de pessoas de dentro dos que parecem apenas prisioneiros. Sentir assim a importância da sua própria existência, como seres humanos, ao satisfazer as necessidades de sociabilidade de quem está forçada e ansiosamente isolado.

Os prisioneiros, como os guardas e polícias, são gente estigmatizada por corporizarem figuras sociais marcadas pelo maniqueísmo da ignorância e do desespero. Utilizadas pelos poderes públicos para dividir para reinar (DORES e PRETO, 2013). Assumem necessariamente figuras sociais estereo-

tipadas, também por força do olhar preconcebido do observador. Como quem olha para asiáticos ou africanos na Europa: todos parecem iguais. Não porque o sejam, mas porque os padrões de comportamento são estranhos. A falta de hábito de des-codificação cultural não ajuda a co-municação não verbal com os observadores ocidentais.

É verdade que os humanos são bastante mais iguais entre si que qualquer outra espécie de seres vivos. Ao mesmo tempo, a versatilidade de *corporização, de expressão e de incorporação* dos humanos é inigualável. Torna-nos individualmente bem distintos, para um observador habilitado.

A face do prisioneiro é a face fechada, inacessível e constrangedora, espelho do inferno que lhe é imposto (Zim-

bardo, 2007). Tenho vergonha dela (desvio o olhar) e medo de (tendo a paralisar perante) o ambiente social que impõe tal estado de coisas. Duas condições para o estabelecimento de tabus.

Pessoalmente, na ânsia da descoberta, solidarizei-me com quem me envergonha (DORES, 2004). E resisto ao medo da repressão que efectivamente se abate sobre quem denuncia (PRETO, 2010). Faço-o a uma distância que desejo encurtada entre quem condena, quem é condenado e quem autoriza a desumanização de uma parte da sociedade, tomada por bode expiatório. O que é adequado ao programa de justiça transformativa (AAVV, 2013). A ciência, a verdade e o bem estar beneficiam se houver condições para que todos se olhem nos olhos. Esse é o programa científico-político-jurídico a que me submeto.

A pós-graduação em *Expressão Facial da Emoções* oferece-me o ensejo de reflectir sobre o lugar do estudo da face no quadro da reformulação das ciências sociais nas próximas décadas. Tendo presente que: a) a nossa humanidade é resultado da evolução da vida na Terra; b) a divisão das ciências para fins práticos não deve perder de vista a integração real da natureza; c) a disjunção cartesiana da religião e da ciência deve continuar a ser suturada pela integração das ciências sociais no mundo das outras ciências; d) isso reclama, mais uma vez, determinação e coragem para resgatar os interesses cognitivos do seio dos outros tipos de interesses.

A face enquanto tabu

Qual será a especificidade humana? O tamanho do cérebro? Os polegares das mãos destacados? O nascimento em estado de maturação incompleto? A sexualidade permanentemente disponível? O mimetismo exacerbado que faz de nós seres sociais ou animais de hábitos? E qual será a principal característica emergente dessa especificidade? A

inteligência? A perversidade? O riso? A agressividade? A vergonha? A capacidade de comunicação? A recursividade? A capacidade de organização? As capacidades artísticas? As capacidades industriais?

A face humana é apenas um entre muitos dos caracteres que distinguem os humanos de outras formas de vida. Com a experiência do cosmopolitismo, é conhecimento comum como as faces das pessoas de outras etnias nos parecem todas iguais. A nossa mente não regista informações para as quais não está preparada e habituada. Ao inverso, projecta nos outros a perversidade que tanto esconde de si própria.

Os traços particulares das faces de etnias estranhas, mal conhecidas, como as expressões de outros animais ou plantas, escapam-se-nos por ignorância, por falta de familiaridade e de atenção emocionalmente empenhada.

O estudo científico da face enfrenta, pois, alguns evidentes obstáculos epistemológicos nos limites dos nossos sentidos e das nossas competências emocionais. Enfrenta obstáculos epistemológicos na vontade e disponibilidade (ou falta delas) de cada um, e das sociedades, investirem na observação dos comportamentos das pessoas, entre os quais as expressões das faces. As pessoas têm mostrado ser capazes de desenvolver instrumentos de observação muito potentes, para além as capacidades sensoriais incorporadas. Na falta de disponibilidade, mesmo atrocidades tão abjectas como o abuso sexual de crianças ou a violência doméstica passam despercebidas, inclusivamente às vítimas, aos abusadores, aos respectivos círculos íntimos, às instituições e às autoridades.⁴⁰ Nessas alturas, perante a evidência da falta de rigor dos sentidos, reclamam-se por fórmulas científicas para estabelecer, com segurança, a verdade.

⁴⁰Não há muitos anos não eram crimes tipificados, mas formas de relacionamento social inimizáveis.

São enormes e provavelmente inatingíveis tais expectativas.

Haverá vontade científica para estudar a face? Teremos nós a coragem de olhar nos olhos os nossos opressores? Os nossos governantes? Os excluídos da sociedade? Os condenados, sobretudo quando são nossos familiares e amigos ou quando os sabemos inocentes? Teremos nós a coragem para escrutinar a perversidade testemunhada nas configurações da face dos abusadores de que somos vítimas? Deixaremos que nos escrutinem a face para descobrir a nossa própria perfídia?

A resposta actual é definitivamente não. O estudo da face é tabu. E a determinação de encetar um processo científico como aquele em que os autores deste livro estão envolvidos é digna dos gestos científicos mais corajosos. De resultados imprevisíveis.

O ponto de partida é a teoria social, tal como ela se apresenta aos sociólogos nos dias de hoje. Começo por verificar a existência de um tabu sociológico no tratamento das faces humanas. Para depois estabelecer propostas práticas de superação dos obstáculos epistemológicos, de modo a dar sentido sociológico ao trabalho de análise facial realizado pelos estudantes do curso.

O reforço científico do tabu

A minha descoberta da centralidade do tabu na teoria social começou ao sentir a vergonha e o medo por estudar pessoas encarceradas. Ocorreu-me propor a hipótese de nas prisões se confrontarem, de forma aguda, estilizada, extremada, as diferentes posturas possíveis entre humanos perante o fenómeno do poder: o espírito de proibir, o espírito de submissão e o espírito marginal (DORES, 2012a, 2012b, 2012c). Não me refiro a atitudes explícitas. Os estados-de-espírito, enquanto conceito sociológico, referem-se a estratégias homeostáticas de organização da postura corporal-mental de cada um perante as

circunstâncias; modos de mobilização de competências treinadas e disposições de *habitus*. Não se trata de expressões convencionadas para comunicar intenções, mas intenções em acto. Antes mesmo de se poderem tornar auto-conscientes e, eventualmente, contrariadas pela vontade própria (ou dos outros, em caso de sanção ou de repressão). Não se trata de pedir a informantes uma reacção a um questionário a partir do qual possamos inferir atitudes. Trata-se de identificar a panóplia de modos de corporização socialmente produzidos e reproduzidos, como sentidos de acção social vernácula.

Não se trata de pedir a confissão de sentimentos aos inquiridos. Trata-se de encontrar formas de observar cientificamente emoções previamente socialmente educadas, antes dos sentimentos voluntários poderem intervir e corrigir os processos de corporização associados. Não se trata de registar a encenação expressiva das emoções que acompanham os processos de corporização e incorporação. Trata-se de compreender e tipificar modos de gestão da vitalidade humana.

A reacção repulsiva de alguns dos meus colegas que mais respeito a uma tal proposta fez-me compreender estar na presença de obstáculos epistemológicos profundamente inscritos na teoria social, tal como hoje ela é entendida. O que me entusiasmou a avançar na compreensão dos contornos desses obstáculos ou sistema de obstáculos. Tarefa inacabada. Tarefa que temo ser incapaz de acabar durante a minha vida. Mas tarefa empolgante e certamente útil no futuro.

No centro do tabu está em Descartes e na sua concepção conciliatória da ciência com a teologia. A dupla reserva cartesiana, desenhada por vergonhas e medos, de a) os territórios mentais ou metafísicos, para estudos religiosos e b) os territórios corporais ou objectivos, para estudos científicos, nega aos cien-

tistas a possibilidade de considerarem os fenómenos mentais como fenómenos naturais. As ciências sociais, por tratarem sobretudo de fenómenos mentais, ficam impedidas de se integrarem no mundo das ciências: trabalham à parte.

Delicada a posição da sociologia, entre os mundos das ciências duras e a teologia. Entre as explicações e as metáforas. Entre as hipóteses matematicamente formuladas e as descrições fenomenológicas. Entre as classificações e a moral social. Encaixada entre paredes – como a literatura, a teologia, a ciência e a ideologia – a sociologia, para sair desse armário, deverá reconhecer a sua dupla filiação da mente e do corpo, das emoções e dos sentimentos, do subjectivo e do objectivo. O que não é um defeito, mas uma virtude. Em vez de se refugiar dentro das ciências sociais, num processo endogâmico descrito por (LAHIRE, 2012), deverá promover a sua abertura epistemológica às ciências da vida e da vontade – que de resto está marginalmente a realizar-se, com Bateson (1987), Prigogine (1996), Goleman (2010), Damásio (1994), por exemplo.

O incómodo dos sociólogos, confrontados com o estado de espírito e com a possibilidade de uma abertura ao mundo dos espíritos, pode ser equiparado ao choque de uma população endogâmica confrontada com a possibilidade de casamentos fora do seu grupo, ou dos escravos que viveram os dias da abolição da escravatura, saudosos da segurança perdida.

Certamente a época de profunda transformação que estamos a viver na Europa, nesta segunda década do século XXI, ao superar as vergonhas e os medos que nos paralisam como vítimas de regimes abusadores, criará as condições para uma reorganização das ciências capaz de favorecer novos paradigmas científicos, mais integrados e produtivos. Há muitos autores a trabalhar para isso. O estudo da face, só pode pensar-se como mediação entre a mente e o

corpo, o exterior e o interior, a sociedade e a pessoa; surge como um dos pontos de passagem entre as velhas e as novas epistemologias das ciências, que permitirão às ciências sociais sair do armário. É, portanto, com enorme satisfação que me associo a este livro, no quadro da pós-graduação internacional em expressão facial das emoções.⁴¹ Entendo-a como uma oportunidade de libertação.

Do armário de onde irá sair outra teoria social

Os limites impostos, os tabus da teoria social são a) os debates normativos e morais – implicados na violência e nas vidas íntimas – sublimados em ideologias ou em sistemas jurídico-políticos, perante os quais a sociologia se pretende alheia (como se fosse possível); b) as práticas viscerais, irracionais, instintivas, próprias da nossa animalidade, cujo tabu é guardado pelo fantasma do biologismo e pela reserva psico-médica no campo das prescrições curativas (como se boas e más relações sociais não tivessem efeitos, respectivamente, curativos e doentios comprovados). Tais tabus configuram a tentativa, necessária, para circunscrever o social a um nível específico da realidade, acima do biológico e abaixo do ideológico, sobre o qual os sociólogos se debruçam e especializam. Nessa função são úteis e recomendáveis. O problema é a estanquidade epistemológica desse nível de realidade, como se se quisesse seccionar um troço de rio, imaginando ser sempre a mesma água e os mesmos peixes que o habitam. O que é preciso é definir e observar a sociedade no quadro da realidade multi-nível e fluente da vida vernácula, da

⁴¹Entendendo-se por *emoções* um fenómeno homeostático emergente, cf.(DAMÁSIO, 1994). Entendendo-se por *expressão* a corporização das emoções mais ou menos controlada, mais ou menos bem-sucedida. Por corporização entenda-se o diálogo hemeostático entre o todo e as partes do corpo, vivendo a instabilidade existencial como um hábito e como aprendizagem.

